

O FADO E O SAMBA: matrizes dançáveis

Tícia Viviani Souza Guia de Britto¹

Resumo: Neste artigo, parte da pesquisa em andamento no Mestrado em Dança da UFBA, colocamos nosso olhar sobre dois gêneros musicais: o Samba e o Fado. Nascidos desde muito cedo das trocas interculturais entre Portugal, Brasil e África, o fado e o samba possuem na sua matriz, anteriormente ao seu nascimento como gêneros musicais urbanos de Portugal e do Brasil, algumas das danças e cantos afro-brasileiros, tais como a fofa, (que durante muito tempo foi considerada a dança nacional portuguesa), o lundu, (que mais tarde ao misturar-se com a polca, se tornará o maxixe, gênero tipicamente brasileiro, pai do samba) e por fim, o fado. Um dos objetivos é trazer ao conhecimento traços de dança nessas manifestações. Algumas delas são consideradas apenas como música e canto. Portanto, leva-se em conta o aspecto corpóreo, qual seja a instância de expressividade. E, entendida a voz como corpo cultural e biológico também. Os referenciais principais são Nery (2012) que fundamenta as questões de Dança; Tinhorão (2012) e Mota (1936) que orientaram, principalmente, dados históricos. Esperamos que as discussões contribuam para a compreensão da cultura do fado e do samba como permeados de dança.

Palavras-chave: dança; música; samba; fado; afro-brasileira.

O FADO E O SAMBA: UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA

As manifestações culturais que os escravos africanos praticavam no Brasil, durante os poucos momentos de lazer que possuíam, expandiram-se nas diversas regiões. Quando, no século XIX, as autoridades coloniais passaram a distinguir dessas práticas, o que era diversão do que era religião, decidiram então proibir as de natureza religiosa, que nem por isso deixaram de acontecer, pois eram feitas às escondidas na mata. Entretanto, os batuques que eram considerados como diversão “puderam ganhar, afinal, o caráter oficialmente conhecido de local de diversão” (TINHORÃO, 2012), podendo ser praticados em espaços abertos. Tais fatos facilitaram a participação ativa de

¹ UFBA, <ticiabritto@gmail.com>

brancos e, os então, chamados de mulatos de camadas mais baixas nessas manifestações, gerando importantes trocas e novas formas de execução.

“E foi assim que, com o paralelo crescimento da participação de brancos e mulatos das camadas baixas das cidades e vilas nesses “batuques de negros”, começaram a surgir adaptações provocadas pelo casamento da percussão, da coreografia e do canto responsorial africano-crioulo com estilos de danças, formas melódicas e novo instrumental (principalmente a viola), introduzidas pelos herdeiros nativos da cultura europeia.” (TINHORÃO, 2012, p. 55 e 56)

O samba tem registrado, nas suas práticas como manifestação cultural, a associação da dança com o canto. Porém, no que se refere ao fado, na medida em que o tempo foi avançando e o gênero foi-se enraizando como canção genuinamente portuguesa, aos poucos, a componente dançada foi sendo retirada, dando lugar apenas ao canto. É comum ouvir dos portugueses, hoje em dia, que o fado não se dança. Embora haja registros do teatro de revista de montagem de cenas com danças a partir de músicas de fado. E, ainda hoje, haja alguns dançarinos contemporâneos que utilizam a música do fado para compor suas coreografias. Entretanto, para a tradição fadista: “Não se pode dançar o fado” ou, “O fado não se dança”.

“A verdade é que, levadas para Portugal, como acontecera em meados do século XVIII, com a fofa e o lundu, as danças do fado - acrescidas da contribuição melódica-sentimental das cantigas de “pensamento verdadeiramente poético” citadas por Manuel Antônio de Almeida - iam percorrer caminho próprio entre as camadas baixas de Lisboa, onde os brancos as tomariam dos pretos e mestiços para transformar-lhes a parte cantada em canção urbana a partir da segunda metade do século XIX.” (TINHORÃO, 2012, p. 82 e 83)

O fado, com o crescimento das cidades e com o aumento da boêmia e da prostituição, teve nas tabernas e nos bordeis um espaço profícuo para seu desenvolvimento. É importante ressaltar que em finais do século XIX registrou-se o período de maior efervescência do gênero em Lisboa.

A partir do desenvolvimento da industrialização, com o aumento do número de fábricas em Lisboa, houve uma massa de pessoas que saíram do campo para a cidade em busca de trabalho. Este fenômeno aumentou o número de habitantes urbanos, inclusive de uma parcela da população muito pobre, que iria conviver intensamente nos

círculos boêmios. Os lugares de diversão, nos quais havia uma gama de adeptos, eram os ambientes das tascas, das tabernas e dos bordeis. Esses espaços criaram uma atmosfera propícia para o desenvolvimento e a permanência do gênero Fado.

Com o passar do tempo a vida noturna e a boemia lisboeta foram para o fado um lugar de acolhimento e de grande desenvolvimento. Pois, nesses espaços era comum a convivência de pessoas de vários estratos sociais, facilitando as trocas culturais, a criatividade, e a sua disseminação. Entretanto, o fado, nesse período, passa por uma fase de grande marginalização, inclusive por estar associado a práticas indecentes, pois era filho direto das mulheres de “vida fácil” e dos vagabundos e marinheiros que frequentavam a noite nas tabernas lisboetas, no Bairro Alto, na Alfama, na Mouraria, entre outros locais boêmios.

“Segundo estudos publicados em 1901, por Alberto Bessa, sobre a gíria portuguesa, *fadinho** era <<canção e dança especial e predileta de meretrizes, vadios, estroinas e boêmios>> e, enquanto o *fado** tanto podia significar <<prostituição na mulher como <<vadiagem no homem>>, fadista era a <<mulher que se [entregava] à prostituição [ou o] homem brigão, vadio, desordeiro. Poetas boêmios (sic), assíduos frequentadores das tascas de fado, davam conta do reboiço social em que se envolviam putas e fadistas.” (PAIS, 2008, p. 69 e 70)

O fado até chegar ao *status* de canção nacional portuguesa, passou por maus bocados, por caminhos um tanto quanto tortuosos. Primeiramente marginalizado, foi apontado como prática de homens e mulheres de “vida fácil” e símbolo de comportamentos indecentes, repugnantes e imorais. Ora, contraditoriamente, supostamente serviu ao regime salazarista. O regime de Salazar tirou proveito da popularidade e aceitação da canção nas mais diversas camadas, para que o fado fosse um veículo de comunicação dos seus ideais, principalmente na Rádio Nacional. Ora foi acusado de ser um gênero representante de uma cultura de menor escalão, que divulgava uma imagem negativa do povo português, associada à “canção dos vencidos”.

O Fado, Canção de Vencidos, foi tema de oito palestras, feitas por Luiz Mota, em 1936, na Emissora Nacional. Nessas palestras ele disse aos ouvintes que o fado não merecia ser o representante da identidade nacional, por ser uma canção de portugueses incultos, de inferioridade sentimental. Contudo, o fado sobreviveu, apresentando-se nos

cafés, nos teatros, nas grandes salas e hoje, tem o título de Patrimônio Imaterial da Humanidade.

“Enquanto cantarmos o fado, de cigarro ao canto da boca, olhos em alvo e paixão a arrebentar o peito, não passamos de um povo inferior, incapaz de compreender a vida moderna das nações civilizadas. Por isso repito aos rapazes: <<Não cantem o fado>>” (MOTA, 1936, p.229)

À medida que o fado saiu de seu local de origem (nomeadamente popular) e foi para os salões da aristocracia, passando pelo processo de profissionalização, na época do salazarismo, tornou-se um gênero exclusivamente cantado. Alcançou, assim, grande respeito, sendo aclamado como a canção de identidade nacional portuguesa. Em 2011, com quase quarenta anos decorridos de democracia, é considerado pela UNESCO, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

HERANÇA RÍTMICA

O fado herdou, segundo alguns pesquisadores como o musicólogo e historiador Ruy Vieira Nery, o investigador Eduardo Sucena e José Ramos Tinhorão (estudioso da Música Popular Brasileira), as influências sincopadas das danças afro-brasileiras. A síncopa, célula rítmica bastante presente no samba, é um elemento musical típico de certos povos africanos. É da síncopa, que tanto o samba como o fado herdaram suas características rítmicas, e dançáveis.

Os gestos dançados, como no caso da umbigada, ainda são possíveis de se ver em algumas danças que foram preservadas em Portugal. Podemos citar o exemplo de uma dança chamada Fado de Taberna; dança realizada apenas por homens. O canto não está aqui presente, mas sim a música instrumental.

Nessa dança todos os homens estão dispostos numa roda e realizam os mesmos passos que se repetem até o final. A dança é feita com passos bem marcados com os pés a baterem no chão, os braços e as mãos estão sempre para cima, com os dedos a “castanholar”. Interessante é ver o gesto da umbigada, ou seja, o encontro do ventre da pessoa que está dentro da roda com a que está no círculo. Às vezes, entra um par e faz o

gesto da umbigada. De vez em quando, ouve-se um grito de algazarra que parece simbolizar alegria. Transcrevemos aqui a narração feita por um homem, em vídeo encontrado no Youtube que mostra esta dança. “Fado da Taberna - Dança dos Homens”

Fado da Taberna é uma das danças mais representativas do folclore português, cujas origens são muito remotas. Esta dança situa-se no tempo em que as danças não eram comunitárias, isto é: só dançavam homens com homens, mulheres com mulheres. É raro no nosso país aparecerem ainda estas manifestações, mas Pedreira (aqui o narrador se refere à região do Tomar que fica a uma distância de 140km de Lisboa) teve a felicidade de preservar até aos nossos dias. Portanto, o Fado da Taberna que era geralmente dançado quando os homens já estavam bastante alegres (<http://youtu.be/Ojt34x-riMA>)

Independentemente desta dança ter-se mantido ou não preservada, tal como era originalmente, com o diz o próprio narrador, interessa-nos aqui observar a presença de algumas características das danças afro-brasileiras presentes, tais como a disposição dos dançarinos em roda e principalmente o gesto da umbigada. Não somente isso, mas também por assemelharem-se às descrições feitas por alguns viajantes no período da colonização que presenciaram a execução do fado dançado tanto na África, quanto na colônia brasileira e na Metrópole portuguesa.

A dança favorita dos pretos chama-se Fado. Consiste num movimento que faz ondular suavemente e tremer o corpo, e que exprime os sentimentos mais voluptuosos da pessoa de uma maneira tão natural como indecente. As posições desta dança são tão fascinantes que não é raro vê-la ser dançadas por bailarinos Europeus, com sonoro aplauso, do Teatro de São Pedro de Alcântara [do Rio de Janeiro] (SCHLICHTHORST, 1829, apud NERY, 2012, p.34)

O FADO NÃO MAIS SE DANÇA?

O Fado que hoje se ouve abandonou as componentes coreográficas e tem fortes características dos novos intercâmbios internos culturais portugueses. Adotou-se, no seu processo de renovação cultural, por meio da sua expansão e relação com outras franjas sociais, características variadas, dentre elas, o fado sem dança. O cantar português

estabeleceu, desse modo, uma maneira mais própria de cantar o fado. Maneira esta advinda não apenas das trocas anteriormente citadas, mas também da influência musical trazida por intérpretes carismáticos do meio fadista. Destes, a representante mais emblemática foi Amália Rodrigues, cantora que adotou, elaborou, e reinventou as mais variadas influências. Amália é ainda hoje a referência mais forte de vários e várias fadistas já consagradas como Mariza, e tantos outros mais ou menos conhecidos no cenário musical atual português.

(...) E tampouco se pode ignorar, por outro lado, que o testemunho da discografia do Fado mostra bem como o uso dos padrões ornamentais mais acentuadamente <<arabizantes>> por parte dos fadistas do século XX se pode datar sobretudo a partir do impacto dos primeiros discos de Amália Rodrigues, no início da década de 1950, constituindo uma incorporação alheia à tradição anterior do gênero a partir da tradição familiar de repertório da Beira Baixa que Amália ouvia cantar em sua casa na infância. (NERY, 2012, p.72)

ALGUNS MITOS DE ORIGEM DO FADO

Antes de se adotar uma linha de pensamento sobre o fado ter tido em sua origem uma matriz nas danças afro-brasileiras, consideramos oportuno esclarecer que existem outras correntes teóricas e especulações a respeito do gênero. Tais especulações, levantadas por estudiosos, ainda carecem de mais apuro científico, mas julgamos importante o seu apontamento, ainda que não exaustivo. Dessas teorias há suposições, segundo os folcloristas, de que o fado tenha surgido de matrizes árabes, ou mera degeneração dos modelos culturais eruditos. Há ainda outra teoria que fundamenta a matriz do gênero a uma produção lírica dos trovadores provençais da Idade Média, ou ainda de uma origem marítima

Falta-nos ainda muita informação histórica detalhada sobre as origens hitóricas concretas do Fado, em particular a que nos pode dar leitura atenta a toda imprensa periódica e a consulta sistemática dos processos judiciais e dos

arquivos de polícia da época, o que nos permitiria porventura detectar de forma mais precisa algumas primeiras manifestações eventuais ainda na década de 1830, ou quem sabe mesmo se - esporadicamente – de 1820. Mas face aos dados de que apesar de tudo já dispomos essa informação alargada dificilmente poderá alterar de forma radical o quadro cronológico que os investigadores mais credíveis tem traçado a este respeito, ou questionar os laços estreitos que manifestamente unem o Fado português primitivo à chegada ao continente europeu do conjunto das danças cantadas de origem Afro-brasileira. (NERY, 2012, p.72)

Pode-se aqui reforçar os laços culturais entre Portugal e Brasil, agora a partir de uma irmandade presente também na produção de gêneros musicais tão importantes para a identidade dessas nações. O Fado e o Samba, símbolos nacionais tão representativos dessas duas culturas irmãs, agora se tornam reconhecidamente unidos, através de um “sangue cultural” propiciador da geração e materialização desses gêneros tão bem nascidos. Tal fato se dá pela hibridização produzida nas trocas culturais entre afro-brasileiros, escravos africanos e portugueses durante o processo de colonização e, quem sabe, posteriores a esse período, através das remotas e das novas migrações constantes entre os dois países.

MATRIZ RÍTMICA AFRICANA

É interessante frisar que no samba as componentes rítmicas africanas foram potencializadas e preservadas. Boa parte da música brasileira de origem popular possui, na sua base composicional, o balanço originário dos batuques africanos, principalmente o samba. Entretanto, como a música brasileira não se resume apenas ao samba, há na sua diversidade, a influência de outros gêneros musicais como o jazz e o rock (também, de toda a sorte, oriundos dos ritmos africanos). Não se pode negar a herança dos ritmos africanos que se desdobraram e multiplicaram a diversidade musical existente no Brasil. Nem também se pode negar a grande influência da música europeia, principalmente no que diz respeito à estrutura, e aos aspectos melódico e harmônico.

Esses ritmos saíram da África e foram se enraizando, ao ponto de germinar e florescer como “produtos” totalmente novos no Brasil e em Portugal. Terras muito

férteis e ricas, que souberam receber, através do seu povo mais humilde, o plantio de elementos tão importantes, para que pudessem dar vida a novos gêneros músico-culturais que, depois de alguns anos, seriam os responsáveis por representar as identidades nacionais de seu povo. Símbolos que, através das suas peculiaridades, conseguem dialogar tanto internamente quanto com o resto do mundo que o escuta. Um jeito de ser “próprio” do português e do brasileiro; uma marca identitária que consolida aspectos característicos de suas culturas. Nenhum outro gênero de expressão musical representou tão bem Portugal e Brasil, respectivamente, num nível de circulação em grande escala, como o Fado e o Samba. Músicas que conseguem através das suas melodias e da sua poesia retratar o cotidiano e os sentimentos de suas gentes.

Os morros do Rio de Janeiro, as ladeiras da Bahia, as calçadas de Alfama, a Mouraria, a Madragoa, as janelas com tabuinhas, o cheiro da sardinha, o barracão sem trinco, a lua que fura o zinco, o Tejo, a Taberna, as roupas dependuradas, o alecrim, a guitarra, o violão, as igrejas, a fé, a cachaça, o vinho, o café, o amor, a dor, a saudade, o mar.

Os ventos sopravam as velas, os mares balançavam os navios, Homens ao mar! Uma aventura! Essas sementes rítmico-musicais, todas elas em ebulição, cantavam, dançavam, gritavam ao som do vento, sincopavam ao som dos batuques. Ventos que as levariam, ventos e mares que as levariam....

Na medida em que essas “sementes” foram tomando contato com os novos solos brasileiros e portugueses, foram ganhando diferentes formas e formatos. Esses solos não eram vazios, neles existiam outras propriedades genuínas que imprimiram também seu “DNA”. Com o contato entre os povos, estabeleceram-se as trocas e as fusões culturais. Estas que, ao brotarem nesses solos, nasceram e cresceram com novas características, algo de cariz próprio, porém, preservando na sua estrutura muitos dos elementos advindos dessa mistura étnico-cultural. Para Nery

o fado dançado que se praticava no Brasil nas últimas décadas da presença colonial portuguesa, apesar de ser apontado nas suas primeiras descrições impressas que atrás reproduzimos como tendo começado por estar sobretudo associado à população negra e mulata brasileira, não era um gênero trazido diretamente de África, mas apenas um dos múltiplos tipos de canção dançada que foram evoluindo já em território brasileiro a partir do encontro e da síntese local entre as matrizes africanas e europeias. (NERY, 2012, p.66)

Na verdade, essas trocas não se deram de forma linear. Desde que os portugueses começaram sua “peregrinação” pelo mundo (marco das colonizações europeias), muitas transformações ocorreram em muitos lugares, de forma múltipla e desordenada. Porém, desde o movimento das descobertas o mundo passou por uma grande mudança de paradigma. Novas ordens foram estabelecidas e com isso, um novo modo de pensar e conceber e conhecer o mundo.

Ganharam-se novas fronteiras, expandiu-se o mundo, abriram-se novos mercados, novas rotas comerciais. Emergiu uma nova classe social mercantil, a burguesia, que impôs novas condições, novos costumes. Essa expansão gerou muitas mudanças nas estruturas comerciais, sociais, econômicas e culturais, tanto do lado dos conquistados como do lado dos conquistadores. Formando-se, com isso, novas zonas de contatos entre populações, estabelecendo-se novos ajustes e novos alinhamentos socioculturais.

O Oriente, as Índias, a África, as Américas encantaram o velho mundo, oferecendo magias, mistérios, cantos, dança, exotismos, novos paraísos que enfeitiçariam e que ao mesmo tempo atiçariam a cobiça e o desejo. Portanto, as novas descobertas trouxeram, para aqueles que descobriam, o conhecimento de um outro mundo cheio de mistérios e ao mesmo tempo um mundo como um espelho que refletia – através dos outros – sua própria imagem. Para os que foram descobertos, um outro mundo se revelava, onde a magia teve que se encontrar na reinvenção de si mesmos, dos seus mundos, em que o sofrimento e a dor se fizeram presentes durante todo o processo, e que ainda hoje os perseguem, principalmente no se refere a sua reconstrução enquanto nação socialmente organizada e respeitada.

Foi em busca de novos campos de atuação, riqueza e conhecimento que os portugueses desbravaram o mundo através das navegações. Nessas viagens, nesses encontros e desencontros, foram construindo um imaginário dos outros e de si mesmos.

O QUE TEM O FADO E O SAMBA A VER COM ISSO?

Muito mais do que possamos imaginar. Imaginamos que tipo de sentimento os portugueses tiveram quando chegaram em África. E no Brasil? Culturas tão diferentes.

Quanta beleza, quanto encantamento. Homens nus, pintados, dançando ao som dos seus batuques, animais diferentes, “exóticos”. Alguns portugueses deixaram-se ficar por terras estrangeiras, mas também deixaram um pouquinho de si onde passaram e fincaram morada. Reza a lenda que desde que os portugueses apareceram em África, desde antes do descobrimento do Brasil, muitas coisas estranhas e diferentes estavam acontecendo. Algumas danças que tinham um caráter mais extravagante e sensual estavam ganhando, em suas performances, uma certa rigidez e um endurecimento estranho do corpo.

Esta dança que se assemelha muito ao nosso fado, é a diversão predileta desta parte do sertão africano, onde a influência dos europeus tem modificado de algum modo a sua repugnante imoralidade. Os cantares são menos obscenos, e não raro é ver tomar parte num batuque, por ocasião de festa, alguns indígenas de classe mais elevada. (SARMENTO, 1880 apud TINHORÃO, 2006, p. 60)

Vigor, beleza, extravagância, lascividade, assim são descritos as danças negro-africanas, negro-brasileiras, pelos viajantes, pelos jornais, revistas, livretos de cordel e documentos de variadas épocas.

O certo é que esses gêneros, o Samba e o Fado, possuem hoje um caráter identitário que marca os dois países em questão, Brasil e Portugal. Canções que têm nas suas matrizes, sua constituição nas cidades, cuja criação está baseada nas trocas étnicas e culturais. Para Nery

Um aspecto que importa sublinhar é o facto de as primeiras manifestações detectadas em Lisboa da presença do Fado dançado de além-Atlântico se localizarem num meio assumidamente popular – e em boa parte mesmo marginal – de que não participam nem a classe média nem, por maioria de razão, a corte e a aristocracia. (NERY, 2012 p. 73)

A África foi durante muito tempo o local onde os portugueses iam buscar, através da captura, homens e mulheres para o trabalho forçado. Estes foram obrigados a trabalhar, tanto nas colônias recém-conquistadas, como na própria metrópole portuguesa. É a partir daí que se nota a influência dos negros africanos nos cantos e nas danças da Metrópole e das colônias, neste caso específico, Portugal e Brasil.

Quando o Brasil foi descoberto, em 1500, havia mais de 50 anos que os portugueses “filhavam” (sequestravam) e traficavam negros por resgate ao longo da costa da África Ocidental, desde o rio Senegal (Cabo Verde-Guiné) até a altura do rio Zaire ou Congo (São Tomé-Costa da Mina), já tendo transportado para seu entreposto distribuidor de Lisboa perto de 150 mil escravos. (TINHORÃO, 2012 p.15)

Muito mais tarde, a Família Real portuguesa, mais especificamente em novembro de 1807, fuga de Portugal, transferiu seu reinado para o Brasil, e juntamente com a corte, com os empregados de servir e outros trabalhadores, transferiu também muito dos seus costumes, mas também recebeu, neste processo uma grande influência das práticas culturais coloniais. Tempos depois, a Família Real portuguesa saiu do Brasil e retorna a Portugal, já, nesse momento, não voltam para a Metrópole exatamente como chegaram, pois houve, nesse processo uma intensa interação cultural e social. Portanto, é por volta desse período, que se nota o Fado dançado nas ruas e nas tabernas de Lisboa. Períodos que revelam muita riqueza no que diz respeito as trocas culturais.

D. João VI saiu fugido do Brasil em direção a Portugal, levando nos navios, a família real, a corte e uma quantidade de gente de servir, negros e etc. Quando toda essa gente de classe mais baixa chega à Metrópole, traz consigo, alguns dos costumes e das práticas culturais populares que foram vivenciadas na colônia. É aí que se nota a prática do Fado dançado, tais como a fofa e o lundú, como uma dança vinda do Brasil. Ao se misturar mais uma vez, com os costumes da Metrópole, em Lisboa, começa a ganhar características próprias.

A dança chamada de Fado, de coreografia semelhante à do Lundu, mas com seus movimentos subordinados à alternância dos cantos do tocador de viola, surgiu no Brasil pela segunda metade do século XVIII como “dança de negros” para logo ser apropriadas por brancos das camadas médias do Rio de Janeiro. (TINHORÃO, 2006, p.26)

UMA DANÇA SENSUAL

O Fado e o samba são descendentes diretos de danças extremamente sensuais. “As três primeiras danças criadas por brancos e mestiços do Brasil a partir da matéria-prima do ritmo e da coreografia crioulo-africana dos batuques foram, pela ordem, a fofa, o lundu e o fado.” (TINHORÃO, 2012, pp. 60 e 61). Uma das características marcantes dos gêneros enquanto dança é a umbigada que foi muito preservada nos sambas-de-roda da Bahia. No que se refere ao fado, como já dissemos anteriormente, aos poucos, o gesto da umbigada, na maioria das danças de fado em Portugal foi sendo transformada em palmas e pela troca de lenço do que o contato corpo a corpo.

O que é a umbigada? Qual sua funcionalidade na dança? Durante a coreografia, geralmente composta por uma roda, os dançarinos que inicialmente dançam sozinhos ao meio dela, ao terminarem seus passos, convocam um outro dançarino que está em volta através do gesto da umbigada, ou seja: a aproximação do ventre de quem está dançando com o ventre de quem está no círculo; isto indica que é a vez deste(a) outro(a) entrar na roda e dançar, Este gesto se repete inúmeras vezes até que todos os participantes tenha a sua vez na dança. De onde vem este gesto e por quê?

Tanto o Samba quanto o Fado são originários de danças voluptuosamente sensuais; suas performances acompanhadas por instrumentos percussivos, pelos versos cantados e pela dança. Praticados, no princípio, em sua grande maioria por escravos, mulatos e pela população que vivia à margem da sociedade. Nas ruas, essas danças faziam parte das comemorações, dos festejos profanos e religiosos, dos batizados, dos casamentos, das festas nas casas do senhor, as festas populares etc.

No Brasil, essas trocas culturais deram-se desde o início do período colonial, com a Era das Grandes Navegações, entre os negros trazidos da África para o Brasil, pelos portugueses e por todos os povos que pela colônia transitavam. O samba, no Brasil, preservou muitas das características dançadas, vindas das danças afro-brasileiras. Tem como característica, o manejo dos quadris e em alguns casos, como o samba de roda entre outros, a umbigada, acrescida do canto e do bater das palmas ritmadas.

O samba também evoluiu, em alguns casos como canção isolada da dança. Porém ainda é comum ver as duas práticas imbricadas em suas performances tanto de palco como de rua. No samba da Bahia, por exemplo é muito comum praticar o samba-de-roda, juntamente com a prática da capoeira e outras danças que tem o batuque como elemento característico.

Com o Fado, como já dissemos, não é comum ver o gênero dançado, principalmente na performance musical. A medida que foi se transformando e criando suas raízes em Portugal, foram-se perdendo as características ditas “lascivas” da dança afro-brasileira, como o remexer dos quadris e o gesto da umbigada. No que diz respeito a maneira de cantar o Fado, segundo alguns historiadores afirmam, o uso da síncopa foi mantido e como prova, estavam escritos nas primeiras partituras de fado, em Portugal, uma descrição de que a execução deveria ser feita em andamento “lundum”, que é sincopado.

Não nos chegaram até hoje exemplos em notação musical dos primeiros fados, ainda na respectiva fase exclusivante brasileira, o que não nos permite definir o gênero em termos musicais inequívocos, mas os viajantes estrangeiros e os demais observadores da época são unânimes em lhe apontar características que são muito semelhantes aquelas que atribuem também ao lundum (o que será mais tarde confirmado, como teremos ocasião de verificar, pelos dois primeiros fados portugueses recolhidos no cancioneiro de João António Ribas, em 1852, cujo registro em partitura traz a indicação de andamento em tempo lundum (NERY, 2012, P.66)

É neste cenário que o Fado e o Samba nasceram. Originários de uma classe tipicamente marginalizada que encontra nos gêneros, um canal para expressar e exorcizar suas tensões, reclamar sua condição de miséria e também festejar. Hoje esses dois gêneros, persistem em existir e representam a identidade de duas nações irmãs: Brasil e Portugal. Muitas vezes, o samba e o fado foram modificados e reconfigurados, outras vezes preservados, mas nunca deixaram de se transformar criando ramificações diversas e múltiplas, fruto da dinâmica cultural cada vez mais intensa e aquecidas pela globalização e pelas conquistas tecnoinformacionais.

REFERÊNCIAS

MOTA, Luís; AUTORES. **O fado canção de vencidos : oito palestras na Emissora Nacional**. PUBLICAÇÃO: Lisboa : [s.n.], 1936 (Lisboa : -- Emp. do Anuário Comercial) DESCR. FÍSICA: 357, [1] p. : il. ; 20 cm. Disponível em: <<http://fadocravo.blogspot.pt/2014/01/o-fado-cancao-de-vencidos.html>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

NERY, Rui Vieira. **Para uma História do Fado**. 2ª ed. Lisboa: INCM, 2012.

PAIS, José Machado. **A Prostituição e a Lisboa Boêmia: Do século XIX a inícios do século XX**. Porto: Ambar, 2008.

TINHORÃO, Ramos. **Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens**. São Paulo: Art Editora, 2012.

_____. **Música Popular: Os sons que vêm da rua**. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. **O Rasga: uma dança negro-portuguesa**. São Paulo: Editora 34, 2006.

Vídeo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Ojt34x-riMA>>. Acesso em: 05 dez. 2016.